

I – PROLEGÓMEA:

“Tudo pode ser sinal” – O que é um sinal?

Sinal é um signo "causado ou utilizado especialmente para suscitar uma reação pré-combinada e acordada, quer em grupo, quer individualmente, sob a forma de manifestações definidas da atividade humana". (SCHAFF, Adam. Introdução à Semântica, 1968.)

Os sinais são signos que "levam os homens a uma ação, levam-nos a fazer ou não fazer alguma coisa. [...] O sinal é resultado de acordo explícito, válido para um certo grupo de pessoas; seu propósito é o de modificar, iniciar ou sustar uma ação; só é usado quando se pretende provocar o comportamento humano que ele deve suscitar." (FIORIN, José Luiz. Introdução à Linguística I: Objetos teóricos, 2002.)

Existem vários tipos de sinais como os sinais da pele, os sinais de trânsito, o apito do árbitro que pára o jogo, a sirene que faz começar ou parar o trabalho, etc.

1.2 – A semiótica e os modelos de comunicação (p.16)

➤ **Saber o que é falado na área da semiótica e saber a perspectiva de Shannon e Weaver.**

Nos estudos sobre a comunicação há **duas correntes que são relevantes a esse nível: a Escola Processual da Comunicação e a Escola Semiótica.**

A ideia de que a comunicação é a transmissão de mensagens surge com Shannon Weaver e a sua obra “Teoria Matemática da Informação” em que a mensagem é enviada por um emissor para um recetor através de um canal. Esta teoria distingue 3 níveis no processo comunicativo: o nível técnico (relativo ao rigor), o nível semântico (relativo à precisão) e o nível de eficácia (relativo à eficácia). Esta teoria visou a precisão e eficácia no processo comunicativo além de ter desenvolvido conceitos importantes para o estudo da comunicação como a quantidade máxima e mínima de informação, redundância, ruído, etc.

O Modelo Semiótico de Comunicação é o que se preocupa em criar significados e formação das mensagens que irão ser transmitidas. Este modelo não é linear, isto é, não se preocupa com os passos da transmissão da mensagem desde que ela foi emitida até ser recebida. Para este modelo a mensagem não é um fluxo, mas sim um sistema estruturado de signos e códigos.

O Modelo Semiótico considera o conteúdo e o processo comunicativo inseparáveis, isto é, o significado da mensagem não se encontra na mensagem, como o seu conteúdo está independente de qualquer contexto, mas é algo que está diretamente ligado com o produtor, a mensagem, o referente, o interlocutor e o contexto.

1.3 – Tipos e classificações de signos (p.20)

➤ Saber os 6 tipos de signos (1.3.1) e saber os 10 princípios de classificação (1.3.2).

O sinal é um termo mais vasto e menos preciso enquanto que o signo é um termo técnico, pois vem diretamente do latim, é um termo erudito. Há muitos tipos de signos e quando se fala em vários signos, tem de se ter em conta, não só o seu todo, mas também o seu individual.

Sinais são signos que desencadeiam uma ação por parte do recetor, (sinais de rádio ou televisão).

Sintomas são signos em que o significante e o significado estão associados por um elo natural (febre, geada noturna).

Ícones são signos em que existe uma semelhança entre o significante e o significado (pintura, fotografia).

Índices são signos em que o significante e o significado são contíguos (expressões demonstrativas).

Símbolos são signos em que há uma relação convencional entre o representante e o representado (emblemas, insígnias).

Nomes são signos convencionais que designam uma classe extensional de objetos (objeto, indivíduos).

Princípios de classificação e taxinomia de signos segundo Umberto Eco.

Uma vez apurada a diversidade dos signos seguimos com a sua classificação. Para que isso fosse possível, **Umberto Eco** expôs 10 princípios de classificação de signos:

- 1 - Os signos diferenciam-se pela fonte (origem), ou seja, se foi criado ou não pelo Homem (Natureza).
- 2 - Os signos diferenciam-se pelas inferências a que dão azo. Esta diferenciação engloba a distinção tradicional entre signo natural (água) e artificial (telemóvel).
- 3 - Os signos são diferentes dependendo da sua especificidade signica. Uns têm função de significar e outros só significam.
- 4 - Os signos diferenciam-se pela consciência e intenção do emissor. Ex: Algumas palavras só servem para se especificar, outras têm significados.
- 5 - Os signos diferenciam-se pelo canal e pelo recetor humano. Consoante os 5 sentidos do corpo humano há diferentes tipos de signos. Ex: O sinal de stop é signo visual na medida em que temos de o ver para o interpretar.
- 6 - Os signos diferenciam-se pela relação ao seu significado. Os signos podem ser unívocos (1 interpretação. ex: sinal de stop), equívocos (interpretação duvidosa. Ex: piscar o olho), plurívocos (vários sentidos. Ex: verbo partir) ou vagos (interpretação indefinida ou confusa).
- 7 - Os signos podem diferenciar-se pela replicabilidade do significante. Ex: Uma modela de ouro de 1€. Se a moeda for feita de ouro vale por um lado, 1€ (valor atribuído) mas como é feita de ouro vale, na realidade, 100€.
- 8 - Os signos diferenciam-se pelo tipo de relação pressuposta com o referente. Distinção entre índices, ícones e símbolos.
- 9 - Os signos diferenciam-se pelo comportamento que estipulam no destinatário. Distinção entre signos identificadores, designadores, apreciadores, prescritores e formadores (explicam. ex: o manual, dicionário).

10 - Os signos diferenciam-se pelas funções do discurso. Existem 5 tipos de funções do discurso: Emotiva (chorar), Fática (se alguém está distraído e alguém diz: Estás a ouvir?), Imperativa (ordens ou conselhos), Metalinguística (explicar) e estética (arte).

2. História da semiótica

2.1 – Os Antigos: gregos e os estoicos. Galeno. (p.25)

➤ *Galeno é extremamente importante por ter sido o impulsor do pensamento semiótico.*

Galeno - Semiótica médica. Divisão da medicina em 3 ramos: A semiótica (interpretação dos sintomas), a terapêutica (curar) e a higiene (cuidados a prevenir doenças). Um Médico deve ter presente a semiótica: atua por observação porque o signo deve ser interpretado por aquele que pode atribuir-lhe um significado. 3 tipos de sintomas: Diagnósticos (a partir dos sintomas se declara um estado), Prognósticos (a partir de signos o médico prevê o que se vai passar) e terapêuticos (quando a observação dos sinais provoca a lembrança de um tratamento)

2.2 – Os Medievais: Agostinho, Bacon, Hispano, Fonseca e João de S. Tomás (p.31)

➤ *Os portugueses são os que devem ser estudados. Santo Agostinho é o autor favorito do professor por isso devem tentar compreender e resumir o que ele diz sobre a semiótica nas suas duas obras que estão explicadas no manual. Pedro Hispano, Pedro Fonseca e João de S. Tomás são igualmente importantes, mas uma breve compreensão bastará.*

Santo Agostinho ficará na história pela mais bem conseguida síntese do mundo antigo, em que aprofundou o estudo da filosofia e da linguagem. Na sua obra “De Magistro e de Doctrina Christiana”, começa por estabelecer o estatuto do signo: as palavras são sinais das coisas, nem todos os sinais são palavras e não podem ser considerados sinais, coisas que não têm significado.

A problemática em questão é “podem as realidades serem ensinadas por meios de sinais?”. Santo Agostinho afirma que não, por dois motivos, primeiro porque o sinal é sempre inferior ao seu significado e segundo porque os sinais são aprendidos pelas realidades e nunca o contrário.

O signo continua a ser tudo o que tem significado. Os signos podem dividir-se em signos naturais e convencionais. Naturais são os que têm um significado involuntário, por exemplo: sinais de fogo ou fumo. Os convencionais são os que foram instituídos pelo Homem e podem ainda dividir-se próprios e metafóricos.

Uma outra constatação de Santo Agostinho é que por mais vasto que o universo de signos seja, sempre se interligará com a linguagem.

Pedro Hispano (papa João XXI) ficou famoso com a obra “Summulae Logicales”, onde aborda as diferentes classes de signos, a significação, e a suppositio. Hispano ficou justamente famoso pela Teoria da Significação e a abordagem da suppositio. As unidades significativas podem ser simples (verbos e nomes) e compostas (orações e proposições). O significado é representado por um som vocal, de forma a que a forma do signo verbal resulte num som vocal significante.

Pedro da Fonseca na obra “Instituições Dialéticas” aborda a suppositio e a divisão e tipos de signos. Fonseca distingue 3 géneros nominais e verbais: construídos pela mente, pela voz e pela escrita. Segundo Fonseca, os signos podem dividir-se em formais – imagens gravadas no intelecto -, e instrumentais – coisas que são postas a nossa frente e que nos levam a outro conhecimento – os sinais podem ser de dois tipos: naturalibus ou ex instituto. Os primeiros caracterizam-se pela natureza, têm o dom de significar algo, como o riso ou a dor. Os últimos são significantes por imposição, exemplo: palavras.

João de São Tomás é creditado pela criação do primeiro tratado de semiótica de que há notícia. Para este autor a semiose é a condição primordial para a interação com o mundo. Na sua obra “Tratado dos Signos”, o signo é identificado como o algo representante de uma coisa diferente dele próprio. João classifica ainda os signos segundo duas categorias: formal (percepção, isto é, representa algo a partir de si), instrumental (objeto exterior, representa algo diferente de si próprio). E ainda se podem dividir os signos pela maneira como se relacionam com o referente. Signos naturais (significa algo através da própria natureza, sem a intervenção do Homem), signo convencional (representa algo por convenção humana), signo consuetudinário (representa em virtude da repetição, mas que não foi objeto de imposição publica explicita).

2.3 – Os Modernos: Locke, Condillac, Lambert, Kant e Humboldt (p.48)

➤ *Destes, apenas Locke é relevante para a frequência (p.49) por ter sido o teórico que deu o nome à Semiótica (Condillac será importante no exame).*

Locke, torna a semiótica como um termo e como uma ciência. Divisão tripartida das ciências:

Física ou Filosofia Natural, que se ocupa do conhecimento das coisas materiais e espirituais, “na sua constituição, propriedades e operações”.

Ética ocupa-se da ciência prática que se foca na justiça e ideais de conduta. “A procura daquelas regras e medidas das ações humanas que conduzem à felicidade”, ou seja, “aquilo que o próprio homem deve fazer como agente racional e dotado de vontade para alcançar a felicidade”.

Semiótica ou Lógica que corresponde à doutrina dos sinais, sendo os principais de entre eles as palavras. O tema da semiótica para Locke são os sinais de que o homem faz uso para compreender as coisas ou comunica-las.

O intelecto não conhece nem opera com as coisas, mas somente com a sua representação que ocorre por meios de sinais.

Dividem-se depois as ciências de todos os objetos que podem cair sob o entendimento humano “em três grandes províncias do mundo intelectual”: Coisas, quando são cognoscíveis em si mesmas, Ações enquanto dependem de nos em ordem à felicidade e o devido uso dos sinais em ordem ao conhecimento.

Devido aos contributos de John Locke a semiótica deixou de ser encarada como uma ciência auxiliar, passando a ser uma das três grandes ciências do entendimento humano.

Condillac identifica análise e linguagem acreditando que a linguagem comum oferece o melhor método de análise. Distingue três tipos de signos: acidentais (objetos que em circunstâncias aleatórias ligaram-se às ideias do homem), naturais (expressões onomatopáicas de alegria ou

dor) e de instituição (signos escolhidos pelo homem que têm uma ligação arbitrária ás ideias que representam).

Se não conseguisse interpretar os signos e usá-los Condillac seria um imbecil. A necessidade dos signos perpassa todas as operações da alma, e eles são requeridos não somente para a comunicação, mas também para o ato de pensar. -> Os signos são importantes para pensar e comunicar. Se não tivéssemos um signo para representar a palavra íamos escrever (por ex.) um 20x

Ligar as ideias aos signos para poder pensar. Assim, para que o homem possa refletir sobre as suas ideias necessita absolutamente uni-las a signos, que ligam as diferentes coleções de ideias simples, e só o uso apropriado destes permite ideias exatas e raciocínios sem falhas. Os signos tornam inteligível a multiplicidade de sensações e ideias, permitindo ao homem operar com elas.

II – SISTEMÁTICA:

3. - A Semiose e a Divisão da Semiótica:

Charles Morris, estabelece a divisão da semiótica em:

Sintaxe - Estuda a formação dos signos.

Semântica - O que significam.

Pragmática - Como se usam.

Semiose - Processo em que algo funciona como um signo. A análise da Semiose tem 4 factores:

Veículo Sínico – Aquilo que actua como um signo (objeto ou coisa). Designatum – Aquilo a que o signo se refere. Interpretante – A coisa/objeto em questão é um signo para esse alguém. Intérprete – O alguém.

A existência de um dos fatores implica a existência dos outros. (Ex: Veículo Sínico só existe se o designatum e o interpretante existirem e vice-versa). Basta um destes fatores não resultar que deixa de haver semiose. Todos os signos têm um designato mas nem todos têm um denotato. O designato pode ser interpretado de formas diferentes. A divisão da semiótica em sintaxe, semântica e pragmática, decorre do processo semiótico em que uma coisa se torna para alguém signo de uma outra coisa.

Há signos que podem ser estudados a nível da sintaxe, mas não têm significado.

4. As propriedades sintáticas do signo (como os signos se formam)

4.1 – Signos simples e signos complexos (p.65)

➤ Saber a diferença entre ambos e as suas devidas especificidades.

Os signos podem ser simples ou complexos. Por exemplo: a palavra cavalo é um signo simples, para ser um signo complexo teria de ser "específico" como cavalo branco.

Os signos simples podem unir-se para formar diferentes signos complexos. Um signo simples do ponto de vista sintático pode ser um signo complexo do ponto de vista semântico.

O facto de os signos simples se poderem agrupar em signos complexos representa um dos fenómenos mais importantes a estudar pela semiótica, na medida em que, a partir de um número limitado de signos simples, é possível construir um número ilimitado de signos complexos e, assim, qualquer pessoa utilizar novos signos complexos que uma outra pessoa entende, dado a conhecer os respetivos signos elementares.

Uma notícia sobre um acontecimento da atualidade nunca poderia ser expressa sob a forma de um signo simples. A partir de um número limitado de signos simples, é possível construir-se um número ilimitado de signos complexos.

4.4 – Combinação dos signos. Regras de formação e de transformação (p.77)

A partir dos signos simples constroem-se signos complexos: De Leibniz (filósofo) a Chomsky (linguista americano). Leibniz concebeu a ars característica (características dos signos) e as combinatórias (combinações possíveis dos signos). Noam Chomsky dizia que como a linguagem cria novos signos todos os dias se criam palavras principalmente a nível tecnológico. A partir de um conjunto finito de elementos básicos e usando um conjunto finito de regras obter todas as expressões possíveis numa língua.

Chomsky, estudou como é que se gera a linguagem. Acredita que todo o ser humano tem as mesmas capacidades linguísticas. **Modelo Chomskiano** - Estrutura de uma expressão (enquanto cadeia de signos simples) poder ser descrita mediante a descrição da sua produção. Dever-se-á poder a partir de um conjunto finito de elementos básicos e de regras obter todas as expressões possíveis numa língua.

Signos complexos: Podem ser estudados de forma: **Analítica** ou **Sintética**.

Abordagem Analítica - Análise dos signos complexos para elementos simples (Ex: Sistemas sógnicos naturais e fenómenos culturais: dança, os gestos, a arquitectura e o cinema).

Abordagem Sintética - Análise dos elementos simples até aos signos complexos (faz-se sobretudo nos sistemas sógnicos artificiais [criados pelo Homem], na lógica e na matemática, e nas línguas naturais).

5. As propriedades semânticas dos signos (como é que nós interpretamos os signos)

5.1 – O problema da significação. Sentido e referência (p.81)

Significação – Nem todos os signos têm referência.

Referência – Algo a que o significado está ligado.

Ex: Os EUA invadiram o Iraque com base numa notícia que era falsa, ou seja, invadiram sem uma referência.

As palavras como nomes parece plausível. No que toca a objetos físicos, essa plausibilidade é depressa posta em causa quando a mesma palavra pode designar muitos objetos físicos e por vezes muito diferentes uns dos outros. Ex: As palavras “Homem” ou mesmo “cadeira”, dificilmente terão como significado determinado objeto físico.

A dificuldade aumenta quando se considera palavras que não designam objetos físicos, como “liberdade”, “ir”, “então”. Não têm uma coisa/objeto que os represente. Frege, distingue Significado e Referência partindo da questão sobre a igualdade. Este defende que igualdade é uma relação de signos. Ele argumenta do modo seguinte:

Proposições “a=a” - Em linguagem kantiana, é um juízo analítico que nada de novo nos ensina.

Proposições “a=b” - Representa uma importante ampliação do conhecimento (acrescenta informação). “a=b” relativamente a “a=a” reside justamente em “a” e “b” referem-se de modo diferente ao mesmo objeto. Têm significados diferentes e uma mesma referência. Ex: “a estrela da manhã” não significa o mesmo da “estrela da noite” mas ambas referem o mesmo objeto.

Normalmente um signo tem um significado e a esse significado corresponde uma referência. O significado e a referência têm diferentes línguas, diferentes expressões.

As proposições (conteúdo que pode ser tomado como verdadeiro/falso) “a estrela da manhã é um planeta iluminado pelo sol” e “a estrela da noite...” exprimem ideias diferentes de tal modo que alguém pode aceitar uma, e negar a outra. Na ficção o nosso interesse prende-se ao significado das proposições, é irrelevante se os nomes nas proposições têm ou não referência. Quando não se trata de ficção, a questão referencial dos elementos da proposição é fundamental para descobrir a verdade da proposição

5.2 – Concepções duais e concepções triádicas dos signos (p.86)

➤ Analisar bem a questão do triângulo semiótico, que é importantíssimo.

As concepções duais separam-se da referência, isto é, consideram o signo uma questão ontológica e não uma questão semiótica.

As concepções triádicas por sua vez consideram que o referente é uma parte imprescindível da relação sígnica.

A Concepção Dual do Signo elimina a referência. É uma questão ontológica (estudo da existência do ser) e não semiótica. A Concepção Triádica de Signo considera o referente

uma parte integrante da relação sígnica.

Saussure, considera o signo linguístico como uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representado pela figura:

- Conceito (significado)
- Imagem acústica (significante - dimensões física)

“Estes dois termos têm a vantagem de marcar a oposição que os separa entre si e que os distingue do total de que fazem parte”.

A partir da concepção do **signo linguístico como entidade de duas faces**, procede à sua **caracterização**:

- **Arbitrariedade (não segue regras ou normas) do signo** - a associação entre o significante e o significado é arbitrária. Ex: Pomba branca: Símbolo da paz.
- **Linearidade do significante** - Enquanto acústico, distingue os signos linguísticos dos signos visuais.
- A **mutabilidade (muda com facilidade) e imutabilidade do signo (não muda)** – O signo linguístico é simultaneamente mutável e imutável o que parece ser uma contradição. O signo é imutável pela simples razão de que “relativamente à comunidade linguística que o emprega, o signo não é livre, mas imposto”, ou seja, não é livre porque já existe. Ex: A língua portuguesa aprende-se com alguém.

Saussure, apresenta 4 razões para a imutabilidade dos signos linguísticos:

- **Caráter arbitrário dos signos;**
- **Enorme quantidade de signos necessários para constituir qualquer língua torna o sistema tão pesado que é quase impossível substituí-lo por outro;**
- **Complexidade do sistema** - A língua é um sistema tão complexo que mesmo a maior parte dos falantes desconhecem o mecanismo que lhe esta subjacente;
- **A resistência da inércia (capacidade de resistir à mudança de movimento) coletiva a todas as inovações linguísticas.**

Por um lado, considera a língua como resistente à mudança na medida em que é a mais utilizada pelo maior número de indivíduos de uma comunidade. Por outro, considera o signo como mutável e esta sujeita a ação do tempo. Ex: As palavras alteram o seu significado (ministro antes era um termo para escravo da casa); As palavras caem em desuso; Distorção da palavra (chano - chão).

Ogden e Richards, ilustram a concepção triádica do signo:



A terminologia de **Ogden e Richards** tem sido substituída por outras terminologias:



Ex: Imagem da estrela de Davi **Objecto** - desta figura é o pentagrama.

Representamen - Forma que ele foi desenhado, ou seja: em 3D.

Interpretante - De acordo com o que foi representado temos uma determinada impressão.

6. - A Propriedades Pragmáticas do Signo:

Com as palavras não se dizem apenas coisas, também se fazem coisas. Fazem-se promessas, afirmações, avisos.

Segundo, **Austin**:

- **Acto locucional** tem um sentido (fazer uma afirmação/realizar uma ação).
- **Acto ilocucional** tem uma certa força no dizer-se algo (dar uma ordem/fazer um pedido).

O que é a **força ilocucional**? **Constativos** (constatar uma realidade V ou F) - Afirmações que constata algo ("A mesa é verde") que podem ser verdadeiras ou falsas. **Performativos** (faz algo para dar uma ordem. Ex: Mandar calar um aluno). Não constata nada, não são verdadeiros nem falsos, eles fazem parte de uma ação.

O ato de fala, o fazer falando, tem assim uma determinada força: a **Força ilocucional**. Um ato de fala resulta quando entre o locutor e o ouvinte se estabelece uma relação. **Austin enumera 6 regras** a ser seguidas para quem pretenda realizar **atos de fala**: (NOTA: Se uma das condições não for satisfeita, o ato de fala não se realiza)

1º- **Procedimento convencional**, ou seja, é necessário existir um ritual. **Ex**: Para se casar é preciso um padre.

2º- **Condições necessárias para invocar o procedimento apropriado**. **Ex**: Para que o casamento ocorra é necessário haver dois noivos, um padre e uma igreja.

3º- **Todos os intervenientes têm de cumprir o procedimento corretamente**. Ex: "Eu aceito...como meu marido/mulher".

4º- **Têm de o cumprir completamente**. Ex: As palavras "Eu aceito..." devem ser proferidas corretamente.

5º- **No procedimento para cujo cumprimento a pessoa tem de determinados pensamentos ou sentimentos**. **Ex**: Ao dizer "prometo ser-te fiel", tem de o cumprir (deve ter esse pensamento/sentimento).

6º- Os intervenientes têm de agir também posteriormente de acordo com eles. Ex: Se diz que é até à morte, tem de estar casado até à morte.

Incumprimento às 4 primeiras condições - Falhas! Exemplos de infrações:

1ª regra - Alguém Desafiar uma pessoa de outro país em que lá os duelos são proibidos.

2ª regra - Quando alguém dá uma ordem sem ter poder para o fazer. Ex: Um aluno mandar calar o Professor.

3ª regra - Ter uma reunião marcada, mas ao desmarcar não especifica de qual reunião de trata.

3ª e 4ª regra - Acontece no direito pois existem determinados rituais rigorosos.

4ª - Apostar algo, mas o segundo indivíduo não aceita a proposta.

Incumprimento às 2 últimas regras - Abusos!

5ª - Promete que vai ao café no dia seguinte, mas ao prometer já não tem intenção de ir.

6ª - Promete que vai ao café no dia seguinte, mas por algum motivo não consegue ir.